
EDITH STEIN – ASPECTOS DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO

Maria Lucia Sales Gyrão¹

A fenomenologia é um método filosófico em que o ser humano, através da consciência, tem por tarefa buscar a essência, o sentido dos fenômenos.

A fenomenologia começou na Alemanha, cujo pai e mestre é Edmund Husserl (1859 – 1938), ao escrever a obra intitulada *Investigações Lógicas*, em 1901.

Segundo Husserl, a origem de todos os nossos conhecimentos provém dos atos da consciência, distintos dos atos perceptivos. Para distinguir a cadeira da pessoa é necessário um ato de consciência.

Para Husserl na consciência é onde fluem as experiências vivenciais. É exatamente nessas experiências vivenciais, onde reside a capacidade reflexiva do sujeito de constituir o mundo, teorizando-o em seguida.

A forma realista da fenomenologia dá relevo à centralidade daquilo que se mostra, se manifesta, que é o próprio fenômeno.

¹ Doutora em Filosofia do Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Filosofia pela UFRJ, Mestre em Direito pela UFRJ, advogada e Professora Universitária de Direito Processual Civil.

Por outro lado, verifica-se que o grande projeto husserliano é o de mostrar o significado essencial da resposta à pergunta, o que é?

Para André Dartigues:

Tradicionalmente, essência responde à questão o que é o que é? Esta questão pode ser colocada a propósito de qualquer fenômeno e, se não a colocarmos é porque já estamos assegurados de sua essência ou porque ao menos acreditamos estar. Não existe, com efeito, nenhum fenômeno do qual possamos dizer que ele não é nada, pois o que não é nada não é. Se todo fenômeno tem uma essência, o que se traduzirá pela possibilidade de designá-lo, nomeá-lo, isso significa que não se pode reduzi-lo à sua única dimensão de fato ao simples fato que ele tenha produzido².

O método fenomenológico procura o essencial, deixando de lado o que é acessório e acidental para alcançar a verdade vivida, brotada da análise e da reflexão rigorosa. Este método tem em vista a capacidade do ser humano de refletir diante do que a ele é mostrado, como as coisas físicas e abstratas, para que este compreenda o seu sentido. Essa compreensão, muitas vezes, não se dá de imediato, diante daquilo que à pessoa é mostrado. Tem-se, por essa razão, de percorrer a um procedimento. Essa série de operações a serem realizadas investiga o sentido e consiste exatamente no método fenomenológico idealizado por Edmund Husserl.

Husserl dizia que era necessário colocar entre parênteses os nossos preconceitos de ordem psíquica e pessoal para compreender realmente os fenômenos.

A realidade do cotidiano não é confiável, mas não se deve refutá-la, pois, muitas vezes, pretende-se entendê-la bem e rapidamente. Caso essa compreensão não venha de imediato,

² DARTIGUES, André. O que é a fenomenologia? Trad. de Maria José Almeida. 7ª Edição, São Paulo: Centauro Editora, p.15.

tem-se a necessidade de realizar as reduções de Husserl (eidética e transcendental), por um ato voluntário para assim a compreender.

O ato da *epoché* é motivado por um tipo de falta de confiança, de insatisfação, que não é de caráter psicológico, mas de caráter cognitivo.

Para que exista a percepção, há operações que se realizam simultaneamente. São as chamadas sínteses passivas, ou seja, reúnem-se elementos sem que se dê conta do que se está fazendo. Quando se distingue, por exemplo, a cadeira do chão em que a mesma se coloca.

O primeiro grau de consciência constitui-se por meio dos atos perceptivos e o segundo grau refere-se aos atos reflexivos.

Em Husserl um método próprio levará a um caminho com duas fases:

- a) a redução eidética para se alcançar o sentido dos fenômenos;
- b) a redução transcendental é para saber quem é o sujeito que quer o sentido e por que busca o sentido.

1. REDUÇÃO EIDÉTICA

Na maioria das vezes, o sujeito compreende de imediato o sentido das coisas, quando então, intui, captando o sentido delas. Tal capacidade pode ocorrer diante das coisas físicas (uma cadeira), como diante das coisas abstratas, como os sentimentos de ódio e de dor. Compreender o sentido das coisas é uma possibilidade humana.

De acordo com Husserl³ é de extrema importância a redução eidética em que se vai encontrar a essência pela purificação de tudo ligado ao fato de que a nossa consciência, por meio de um tipo de

³ ALES BELLO, Angela. Introdução à fenomenologia. Tradução Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: Edusc, 2006, p. 22/28.

intuição, logra captar o que é essencial das coisas e dos eventos que se apresentam, a partir do momento em que esteja ela preparada para tal, ou seja, quando ela está esvaziada do que é pré-categorial.

O fato de existir não interessa, mas sim o sentido desse fato.

A verdade reside no sentido e não no fato. Portanto, a intuição revela compreender o sentido das coisas que são mostradas.

2. REDUÇÃO TRANSCENDENTAL

Husserl, através da individualização, demonstra que existe a redução transcendental que se encontra no campo da subjetividade, em relação direta com o eu puro. Nesta redução, Husserl coloca o fluir da consciência como o lugar no qual se efetivam os atos vividos pelo sujeito. É o exame dos atos vividos, no âmbito da percepção, na esfera afetiva e intelectual que se leva a adentrar na dimensão profunda da subjetividade.

Aquiles Côrtes Guimarães afirma que:

Ao fato de reduzirmos o mundo a puros fenômenos chamamos redução fenomenológica. Frente ao mundo assumimos duas atitudes: uma natural, ingênua, a mais comum, e uma atitude crítica, de redução. A redução fenomenológica é o abandono da atitude natural, ingênua. É ela que possibilita todo o conhecimento. Trata-se de uma conversão à vida reflexiva. Uma reversão da atitude natural. O mundo é colocado “entre parênteses”, é reduzido ao seu manifestar-se, à sua aparição, porque o que primeiro interessa à fenomenologia é a essência e não a aparência. A aparência é o fenômeno. A essência é o que envolve o fenômeno. Logo, para descobrir a essência é necessário assumir a atitude de redução, ou seja, suspender a crença na vigência do mundo para perceber a sua constituição essencial.

A redução fenomenológica é também denominada epoké, ou epoché, ou seja, abstenção da crença na vigência do mundo. Desta forma, falar de redução eidética e falar de redução do mundo as suas essências, a partir do rompimento com a atitude natural, ingênua, é a mesma coisa⁴.

E continua Aquiles:

A redução transcendental, por sua vez e simultaneamente, nos coloca em relação direta com o eu puro enquanto lugar da vivenciação do mundo. Para melhor esclarecer, o eu, o ego de que já falamos, assume na fenomenologia duas atitudes distintas. A primeira é a atitude natural, psicológica, existencial. É a atitude comum a todos nós, em razão das urgências da vida. A segunda é a atitude de um eu puro, ou reduzido. É nessa atitude que se inscreve a redução transcendental. Transcendemos do universo das essências ao campo da subjetividade, ao plano da evidenciação na ordem da consciência⁵. (grifado)

Cumprir notar que Husserl foi emérito professor em Gottinga, não só pelo seu conhecimento, mas também por ser extremamente dedicado aos seus alunos.

Por essa razão, Edith Stein (1891-1942), quando estudava na Universidade de Breslau, descobre as obras de Husserl e vai ao encontro do mestre, em 1913, por que percebe que ele poderia auxiliá-la em sua busca filosófica. Ao encontrar Husserl torna-se sua exemplar aluna e colaboradora, tendo sido escolhida por ele para redigir e publicar seus manuscritos. Dessa forma, manteve contato direto com a fonte da fenomenologia. Stein acompanhou, ainda, o trabalho de Husserl em Gottinga e Friburgo.

A teoria do conhecimento de Edith Stein não se circunscreve

⁴ GUIMARÃES, Aquiles Côrtes. Fenomenologia e direito. Coleção Primeiros Passos na Filosofia do Direito. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2005, p.45/46.

⁵ Ibidem, p. 56/57.

somente no campo fenomenológico, mas projeta-se nas investigações antropológica, educacional e política.

Edith Stein volta-se para uma fenomenologia cujo objeto é a pessoa, daí por que a sua obra tem essencialmente este viés.

Neste particular, salienta Angela Ales Belo⁶, grande estudiosa de Edith Stein, que: “... a fenomenologia tem uma atenção predominante sobre a complexidade do ser humano”.

É o ser humano, o observado, o estudado pela fenomenologia, como produtor de manifestações expressas. Convém apontar as modalidades de como se consubstanciam essas manifestações pelos mesmos. Percebe-se a realidade através das experiências vivenciais, interiores, através do fluxo de vivências.

A reflexão é uma vivência humana, na qual o sujeito se dá conta do que está fazendo, tem a capacidade de perceber e de registrar o que está vivendo.

A subjetividade é de extrema importância na investigação sobre o que se faz em todos os ramos da ciência e do conhecimento humano, estando a mesma ligada à pessoa, a nós e aos outros que habitam o mundo. As pessoas recebem impressões do mundo e das outras pessoas e, em consequência disto, têm suas próprias vivências.

De acordo com Edith Stein ao eu se designa como o interior da pessoa, mas também a sua vida anímica ou espiritual, e se contrapõe a ela o seu exterior, o corpo ou organismo físico. Considera-se a pessoa como uma “realidade composta”, uma unidade de corpo e alma. Esta é uma das diferenças entre ela e seu mestre.

Para Stein, na estrutura do ser humano há o corpo, a psique e o espírito que estes dois últimos não vivem sem o suporte da corporeidade.

⁶ ALES BELLO, Angela. Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião. Organização e tradução Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 57.

Na dimensão psíquica estão os impulsos, os instintos e as reações humanas.

O espírito é que controla o corpo e a psique, determinando, conseqüentemente, o ato de controle. Este não está no campo psíquico, nem corpóreo, e sim no do espírito, onde há a inteligência e a vontade livre, sendo que individualizar a dimensão espiritual é o mais difícil.

Conforme Angela Ales Bello:

Por que usam a palavra espírito? Porque o termo alma era usado para indicar tudo aquilo que não era corpo. Normalmente se diz, então, corpo e alma. Husserl e seus discípulos analisam a alma em duas partes: uma é formada pelo impulso psíquico (o termo impulso se refere a uma série de atos que são de caráter psíquico) que são atos não queridos ou não controlados por nós. Além disso, não somos nós a origem deles, nem nós que os provocamos, mas os encontramos. Se sentirmos um forte rumor, todos teremos medo, e o medo não vem querido por nós, ele é uma reação e acontece. Essa é a parte psíquica a outra parte é a que reflete, decide, avalia, e está ligada aos atos da compreensão, da decisão, da reflexão, do pensar, é chamada de espírito⁷. (grifado)

A substância da alma, tão bem explicada por Edith Stein, tem em vista os vários graus de realização de atividades por parte do ser humano. Há seres humanos que atingem a plenitude pelo alto grau de desenvolvimento de sua estrutura geral comum a todos, diferindo apenas quanto ao seu desenvolvimento, que se expressa em suas atividades espirituais, psíquicas e corpóreas.

Já o corpo é corpo físico no espaço, desempenhando o papel de “mediador” entre a pessoa e o mundo espacial. Por meio de seus órgãos, o corpo transmite para a pessoa as impressões exteriores.

⁷ ALES BELLO, Angela. Introdução à fenomenologia. Tradução Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: Edusc, 2006, p. 39.

Não só se considera a pessoa sujeito de uma vida de consciência atual, mas sim como dotada de qualidades permanentes referentes ao corpo (força, habilidade etc.) e à alma. As qualidades psíquicas se dividem em vários níveis: qualidades sensoriais (olhar e ouvidos agudos), qualidades do intelecto que se denomina “caráter” da pessoa. Na verdade, essas qualidades são resultados a que se chega, quando se aplica o método pela descrição através da percepção.

A vida psíquica é própria da condição humana, existindo uma força vital que caracteriza a psique, que anima a corporeidade. Essa força vital é que permite continuar. É necessário mantê-la sempre em alto nível, porque se essa força vital se abaixa, aparecem doenças psicofísicas ou orgânicas.

Se se resumir o sentido do que é uma pessoa, ver-se-á que é sujeito de uma vida atual do “eu”, sujeito com corpo e alma, possuindo qualidades corpóreas e anímicas, dotado especialmente de um caráter em desenvolvimento. Tal caráter, sob a influência de circunstâncias externas, levará em conta nessa evolução a disposição original que a pessoa já possuía antes e, por isso, se deve investigar essas particularidades e suas conexões, a fim de se aproximar de sua essência.

Esse alto grau de desenvolvimento do ser humano consubstancia-se na facilidade para refletir, avaliar, decidir e controlar impulsos e emoções. Por essa razão, é relevante, neste ponto, examinar um sujeito em estado de coma, que não perdeu a sua estrutura geral, corpórea, psíquica e espiritual, mas apenas ocorreu um baixo grau de realização dessa estrutura, não lhe possibilitando a realização plena de atividades espirituais, psíquicas e corpóreas.

A estrutura constitutiva do sujeito é manifestada por vivências diversas, partindo das mais simples, correlatas a uma consciência em grau mínimo, indo às mais complexas. A este respeito, observa-se que há

empatia em relação às crianças pequenas, que não sabem se expressar, mas têm as mesmas estruturas referentes à afetividade e a uma vida corpórea, psíquica e espiritual, que ainda está em desenvolvimento. A criança pequena é um ser com a mesma estrutura que a minha, só carecendo de ativá-la em seu crescimento e amadurecimento, que já é percebida, potencialmente, no nível espiritual.

Edith Stein desenvolveu o que o seu mestre evidenciou, dando destaque à investigação sobre a pessoa.

Essa é a estrutura geral, havendo a compreensão da mesma em cada sujeito singularmente, e em seguida, existe uma estrutura universal, à qual, individualmente, todos estão ligados.

Tal investigação penetra profundamente no interior da consciência individual e da coletiva, descobrindo as origens das várias formas de pensar o mundo (cosmovisões), procedendo a uma leitura interior das expressões culturais dos diferentes povos.

A psicologia reduz a vida humana apenas a uma vida psíquica, psíquico-corpórea. Existe uma razão que a empurra a atingir uma meta: então a motivação abre o território da liberdade. A pessoa não está sempre obrigada, nem determinada por sua natureza, nem por certos fatores e circunstâncias, a tomar determinadas atitudes.

Volte-se à *epoché* que, repita-se, significa o ato preliminar da indagação filosófica. A filosofia opera um tipo de transformação no indivíduo que quer ir mais a fundo por não se contentar com o que lhe é dado.

Stein procura reler de modo original a noção husserliana de intencionalidade, sobretudo aplicando a que ela chama de vivências supra individuais. O termo intencionalidade está ligado à análise essencial da estrutura da vivência. Esse é um ponto muito importante

porque se vê que na consciência estão presentes vivências que espelham toda a vida do sujeito.

Para Husserl e para Stein a percepção é uma vivência, por exemplo, a lembrança é uma vivência que não possui diante de si o objeto “em carne e osso”, mas representa para a consciência uma experiência já vivida, já tida. A lembrança tem a tendência de trazer para o presente o passado. As vivências tendem a um propósito.

Segundo Edith Stein, que mais adiante se afasta um pouco do pensamento de seu mestre Edmund Husserl, a descrição fenomenológica se orienta em analisar as experiências vivenciadas pelo sujeito, investigando a fenomenologia não só o aspecto da subjetividade, mas também o da intersubjetividade. Examina o “mundo da vida”, a sociabilidade inerente ao ser humano, o qual para viver prescinde do outro. Através da empatia é que se demonstra que os seres humanos têm as mesmas estruturas relativas ao conhecimento e à afetividade nesse contexto social e histórico, imprescindível à vida humana. Stein conclui, portanto, que as pessoas estão à procura dos caminhos da alteridade e da solidariedade.

Ela afirma que a empatia é aquela vivência que nos liga aos outros por uma finalidade que pode ser duradoura ou não. Neste último caso a pessoa não se envolve até ao fundo, entretanto, somente se apresentam os motivos pelos quais escolhe agregar-se aos outros. É a empatia que abre o caminho para a intersubjetividade.

Stein preocupou-se em analisar a intersubjetividade, que vai ser explicada através da passagem da subjetividade para a intersubjetividade, o fazendo por meio da empatia.

Para esta filósofa se alcança a verdade por meio da percepção e da reflexão do próprio eu e da relação do eu com o outro no “mundo da vida” que é exatamente a empatia.

Husserl usou o termo entropatia ao invés de empatia, analisando-a, também, em sua obra. Todavia, Edith Stein estudou-a com mais profundidade, tendo em vista o seu direcionamento para o estabelecimento de uma fenomenologia do ser humano.

A vida de uma pessoa tem um papel importante, influente, na vida das outras pessoas que se acham sempre em relação umas com as outras. Caso se queira conhecê-la, repita-se, não se deve esquecer as relações em que ela se encontra com os outros grupos de pessoas.

Apesar de ter se afastado do pensamento de Husserl, Stein o admirava profundamente, e de modo particular, pela dedicação aos seus alunos, os quais formaram um grupo de estudos sobre a fenomenologia – Círculo de Gottinga, que ela também começou a frequentar e do qual surgiram vários filósofos, entre eles pode-se citar a própria Edith Stein, Adolf Reinach, Hedwig Conrad Martius e Roman Ingarden.

Bettinelle, sobre o círculo de Gottinga, asseverava:

A profunda comunhão de pensamento e de pesquisa fez nascer [...] entre os discípulos de Husserl uma relação que não saberei definir a não ser como nascimento natural de um espírito comum [...] Não possuíamos uma linguagem técnica e, menos ainda, um sistema comum a todos. O que nos unia era o olhar aberto para o ser atingível através do espírito, em todas as suas formas, mesmo só pensáveis. Nenhuma maravilha, portanto, que nos sentíssemos ligados por uma amizade recíproca, prescindindo a origem, a raça e confissão a que cada um pertencia. Edith Stein era fenomenóloga por natureza. Seu espírito apaixonado e objetivo, o olhar livre de preconceitos, a predestinavam⁸. (grifo da autora)

Seus discípulos, de igual forma, passaram a desenvolver a fenomenologia com algumas peculiaridades diversas da do mestre. Divergiam de seu pensamento acerca do estudo da essência, a esse

⁸ BETTINELLE, apud GARCIA, Irmã Jacinta Turolo. Edith Stein e a formação da pessoa humana. 2ª ed., São Paulo: Edições Loyola, p. 37.

respeito, cite-se Max Scheler, Adolph Reinach e Edith Stein. Isso porque, a princípio, Husserl seguiu a orientação de Kant, ou seja, voltou-se mais para a subjetividade.

Stein vai retomar esses assuntos de modo autônomo ao do mestre, contudo não nega que este muito a influenciou, mas também, a partir do contato com Max Scheler e Adolf Reinach, que tinham um pensamento cristão, sua visão se modificou. Por exemplo, Max Scheler tem como tema prioritário em seus estudos o valor dado à ética, tendo influído na tese de Edith Stein intitulada empatia. Já Adolph Reinach ressaltava a grande importância da problemática relativa à teoria da consciência e da lógica, da política e da filosofia, ou melhor, da fenomenologia do Direito, sendo o primeiro expoente da fenomenologia realista, interessando-se precipuamente pelo exame da essência, abrindo caminho para Edith Stein mais adiante em seus estudos sobre o Estado.

Max Scheler chamou a atenção de Stein para a religiosidade, naquele exato momento em que ele era um paladino do catolicismo, e ainda para o estado essencial dos valores constituintes da esfera ética.

Stein consubstancia seus estudos nas diferentes esferas do saber, como também orientando-se no caminho da redução eidética.

É importante notar que a filósofa em estudo não utiliza o termo transcendental de Husserl, uma vez que neste momento ele, conforme já mencionado, parece retomar a tradição kantiana, e ela considera este termo perigoso e ambíguo, quando examina a estrutura do mundo natural.

Ao rejeitar a redução transcendental⁹ acolhe as ideias da fenomenologia realista, tomista e católica em geral.

No tocante à sua adesão ao pensamento de Tomás de Aquino procura traçar um paralelo entre ele e Husserl, enfrentando a grande

⁹ ALES BELLO, Angela. Entrevista em 01/02/2001, publicada na Enciclopédia Multimediale delle Scienze Filosofiche. Disponível em: [HTTP://www.emsf.rai.it/interviste/interviste.asp?d=497](http://www.emsf.rai.it/interviste/interviste.asp?d=497), p.7. Acessado em: 04/04/2008.

questão acerca da intuição ou da visão da essência no pensamento destes dois filósofos (capítulo 5 - *La Fenomenología de Husserl y la Filosofía de santo Tomás de Aquino – Obras Completas, III – Escritos Filosóficos, Etapa de pensamiento cristiano*)¹⁰.

Stein procura esclarecer que malgrado esses dois grandes filósofos empregarem terminologias diferentes, eles têm pontos em comum, concretizados na percepção e na abstração para encontrar a essência da coisa material ou imaterial.

Na verdade, Tomás de Aquino procede de forma semelhante a Husserl na busca da essência, ao proceder também às reduções que, como observa Stein, poder-se-á dizer quase fenomenológicas:

Ésta es – según su manera de expresarse – una labor del intellectus dividens et compenens; dividere es analizar, y la separación abstractiva entre los elementos esenciales y los accidentales es lo que constituye semejante analizar.

E conclui:

Resumiendo yo desearía afirmar: unos y otros consideran como tarea de la filosofía el obtener una comprensión del mundo que sea lo más universal posible y que esté lo mejor fundamentada posible. El punto de partida “absoluto” lo busca Husserl en la inmanencia de la consciência; para Tomás lo es la fe. La fenomenología quiere asentarse com ciência de las esencias y quiere mostrar cómo, para una consciência, en virtud de sus funciones espirituales, puede establecerse un mundo y eventualmente diversos mundos posibles; “nuestro” mundo, en este contexto, se comprendería como una de tales posibilidades. El investigar su condición factual, eso lo deja la fenomenología a las ciências positivas, cuyos presupuestos objetivos y metodológicos se dilucidan en aquellas investigaciones acerca de la posibilidad de la filosofía. Para Tomás no se trataba de posibles mundos, sino de una imagen de este mundo

¹⁰ STEIN, Edith. Obras completas. Escritos Filosóficos (Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936), Volume III. Tradução Alberto Pérez, José Mardomingo e Constantino Ruiz Garrido, Burgos: Monte Carmelo, 2002, p. 195/221.

que fuera lo más perfecta posible. Como fundamento de la comprensión, tuvieron que aducirse aquellas investigaciones sobre la esencia, pero tuvieron también que anadirse los hechos que la experiencia natural y la fe nos desvelam. El punto de vista uniformador, desde el cual se revela toda la problemática filosófica, y al cual ella remite sin cesar, es para Husserl la consciência purificada transcendentemente, y para Tomás lo es Dios y su relación con las criaturas¹¹.

A dimensão espiritual foi um dos aspectos que fez Edith Stein se distanciar de Husserl.

Conclui-se, portanto, que pela atitude fenomenológica de Husserl a constituição do mundo está na consciência, enquanto que para Edith Stein a evidência do ser humano e do mundo está também na consciência, todavia, vista a partir de sua dimensão espiritual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALES BELLO, Angela. Introdução à fenomenologia. Tradução Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- ALES BELLO, Angela. Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião. Organização e tradução Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- ALES BELLO, Angela. Introdução à fenomenologia. Tradução Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- ALES BELLO, Angela. Entrevista em 01/02/2001, publicada na Enciclopédia Multimediale delle Scienze Filosofiche. Disponível em: [HTTP://www.emsf.rai.it/interviste/interviste.asp?d=497](http://www.emsf.rai.it/interviste/interviste.asp?d=497), p.7. Acessado em: 04/04/2008.
- BETTINELLE, apud GARCIA, Irmã Jacinta Turolo. Edith Stein e a formação da pessoa humana. 2ª ed., São Paulo: Edições Loyola.
- DARTIGUES, André. O que é a fenomenologia? Trad. de Maria José Almeida. 7ª Edição, São Paulo: Centauro Editora.
- GUIMARÃES, Aquiles Côrtes. Fenomenologia e direito. Coleção Primeiros Passos na Filosofia do Direito. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2005.
- STEIN, Edith. Obras completas. Escritos Filosóficos (Etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936), Volume III. Tradução AlbertoPérez, José Mardomingo e Constantino Ruiz Garrido, Búrgos: Monte Carmelo, 2002.

¹¹ Ibidem, p. 213.